

## REFERÊNCIAS:

1. ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
2. ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
3. DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*. **Estudos de Literatura brasileira Contemporânea**, n.º 31, Brasília, janeiro/junho, UNB, 2008, p. 87-110.
4. MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.
5. RIBEIRO, Djamila dos Santos. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
6. SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
7. SCHWARCZ, Lília M. *Racismo no Brasil: quando inclusão combina com exclusão*. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília M. (Org.). **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
8. <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/08/ibge-desemprego-recua-em-oito-das-27-ufs-no-segundo-trimestre-de-2023-e-se-mantem-estavel-nas-demais> <acesso no dia 19 de outubro de 2023>

\*1 Não é incomum, portanto, encontrar pessoas negras que são contrários a ações afirmativas e políticas públicas que visem reparar os danos causados pela escravidão e pelo consequente racismo. Mas, “embora membros de todos os grupos possam ter opiniões racistas – não há imunidade genética nesses casos – não é todo grupo que detém o poder necessário para praticar o racismo, ou seja, para traduzir uma atitude preconceituosa em opressão social” (SHOHAT & STAM Apud. DALCASTAGNÈ, 2008, p. 88).

\*2 Leia o livro “Onda Negra, Medo Branco”, de Célia Maria Marinho de Azevedo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, para saber mais sobre os debates parlamentares acerca de o que fazer com a população negra após a abolição.